

LITERATURA E ENSINO: UMA RELAÇÃO PROFÍCUA

Antonio Roberto Fernandes do NASCIMENTO
Orientador: Prof. Dr. Evaldo Godim dos Santos

Resumo: Este trabalho tem por objetivo apreciar a relação fundamental existente entre literatura e ensino num contexto massificado, utilitarista e fragmentado. Por isso, refletimos as discussões atuais desse vínculo, suas relações e implicações, numa visão multi/inter/transdisciplinar. Desse modo, é possível construir/reconstruir interpretações no processo de ensino/aprendizagem, englobando os aspectos tecnológicos, hipermediáticos, o cânone e a alteridade, a cultura tradicional e popular. Assim, verificamos a proficiência dessa simbiose em termos simbólicos, filosóficos, pragmáticos para a vida dos educandos, o que invalida a estratégia política, econômica e educacional de reduzir a sua prática em sala de aula.

Palavras-chave: Literatura, ensino, proficiência, aprendizagem.

Considerando a importância da literatura para a compreensão da realidade e o desenvolvimento do espírito crítico, acreditamos que o aluno, depois de ter realizado um efetivo estudo de obras literárias, provavelmente sairá dessa experiência com uma apreensão mais ampla do mundo circundante, mais sensibilizado para situações que o envolvem e mais preparado para atuar como elemento modificador de sua realidade.

Cecil J. A. Zinani e Salete R. P. dos Santos

INTRODUÇÃO

Num mundo que se estabelece sempre mais complexo, que exige maior dinamicidade e versatilidade das pessoas, não se pode pensar a educação como um elemento estático, unidimensional e simplificado. É imprescindível que as construções de sentidos, através da leitura, do texto e da literatura, ocorram de forma conexas, interativas e críticas.

A ficção e a fantasia são mundos criadores e criativos, capazes de ressignificar o mundo real naquilo que ele precisa ser, enquanto espaço de construção social. Noutras palavras, o texto literário contribui para a formação autêntica e libertadora do homem, tornando-o sujeito na sociedade através de sua formação no ficcional.

É possível, pelas linhas artísticas criar as linhas instrutivas das relações no contexto em que se vive. Nesse universo de possibilidades um mundo de cores e sabores e texturas são sentidas e conhecidas, ampliando a cognição, a experiência, as informações, os lugares, as práticas socioculturais, a crítica, a antropologia do ser.

O encontro do homem com o conhecimento e com a experiência passa, irrevogavelmente, por sua capacidade de refletir, analisar, enxergar sutilezas, perceber os múltiplos significados que a linguagem pode oferecer. Ninguém melhor do que a *literature* para compor o diálogo entre homem, sociedade, símbolos e culturas.

A ARTE LITERÁRIA

A literatura é um fenômeno inerente à expressividade e complexidade do ser humano, um companheiro para todas as horas, isto é, para o romance, drama, alegria, tristeza, saudade, incompletude, distância, inquietude, insatisfação, imaginação, aprendizagem...

Apesar dessa ampla atuação, tal prática acontece, mais ainda insuficiente e sem a profundidade que o ato pede e merece. É nesse ponto que Silva (2005, p. 16) mostra sua inquietação:

As relações entre leitura e literatura nem sempre são analisadas, reavaliadas e praticadas como deveriam no contexto escolar. A leitura – como atividade atrelada à consciência crítica do mundo, do contexto histórico-social em que o aluno está inserido – precisa ser mais praticada em sala de aula.

Desse modo, tem sido preocupação constante a baixa incidência de trabalho com o texto literário no ambiente escolar e, quando ocorre, tem perdido oportunidades reais de, através dele, fazer com que os alunos conheçam, por meio do mundo imaginário, a realidade que os cerca e a si próprios.

É fundamental a prática literária, pelo fato de enfrentarmos um contexto social, cultural e econômico que exige indivíduos capazes de lidar com situações diferentes, intercaladas por filosofias, teorias e conceitos conflitantes, por momentos dos quais a visão de quem observa e analisa, precisa ultrapassar o crivo superficial. Até porque, conforme os PCNs (1997, p. 29):

A literatura não é cópia do real, nem puro exercício de linguagem, tampouco mera fantasia que se asilou dos sentidos do mundo e da história dos homens. Se tomada como uma maneira particular de compor o conhecimento, é necessário reconhecer que sua relação com o real é indireta. Ou seja, o plano da realidade pode ser apropriado e transgredido pelo plano do imaginário como uma instância concretamente formulada pela mediação dos signos verbais.

A literalidade ajuda a compreender o (não)-literal, pois é preciso especializarmo-nos na arte de desvendar o mundo ficcional das palavras para compreendermos melhor o peso e a medida que cada uma assume em determinada situação comunicativa.

A literatura é um bem da humanidade, uma fonte de conhecimentos e experiências incomensuráveis, uma verdadeira fonte de prazer e criatividade imprescindível na estratégia de ensino-aprendizagem e necessita ser mais bem desenvolvida, considerada nas instituições ensinantes.

(...) estudar a obra de arte como um objeto estético significa possibilitar ao aluno a vivência estética da obra, a percepção e a leitura criadora do texto, uma atitude estética autônoma, flexível, independente de regras morais conjugadas pelo olhar do adulto, que, muitas vezes, posiciona-se enorme, colossal, no mais alto degrau em que se postaram os saberes promovidos por sua história pessoal (BRAGA, 2006, p. 04).

A arte literária possui um caráter ficcional, imaginativo, revela ser uma fonte de aprendizagem inigualável, com notória diversidade de temas e gêneros que podem ser discutidos em sala de aula ou fora dela. Por isso, o seu uso precisa ser mais constante e diversificado.

LITERATURA: BÁLSAMO PARA O ENSINO

Muitas vezes, a literatura é vista pela sociedade capitalista massificadora como um objeto inútil e antiprogressista, que em nada contribui para o desenvolvimento social. Talvez, por isso, nos últimos tempos, ela esteja tão pouco presente nos sistemas educativos.

Contudo, o letramento literário vai na contramão da cultura de massa, rompendo com os discursos estritamente técnicos de uma sociedade cada vez mais imediatista e mecanicista. Tal como diz Cosson (2006, p.16) que “é no exercício da leitura e da escrita dos textos literários que se desvela a arbitrariedade das regras impostas pelos discursos padronizados da sociedade letrada e se constrói um modo próprio de se fazer dono da linguagem que, sendo minha, é também de todos”.

Vale ressaltar também que as produções literárias contribuem com um jogo de linguagem que ensina e que dinamiza o processo cognitivo dos educandos, ajuda o alunado a desprender-se, como afirma Amarilha (2003), do caos de formas, informações e estímulos provenientes de certas tecnologias de multimídia, que afunilam, muitas vezes, a visão dos aprendizes para um viés predominantemente prático e simplificado.

Seu uso em sala de aula promove desde o letramento, a autodescoberta dos alunos e destes com o mundo, provoca a curiosidade, a criticidade. Nesse processo, Vilela (s. d.) afirma que o professor é figura central, como mediador, modelador, provocador e aprendiz, devendo ser um amante da literatura.

Contudo, nos últimos tempos vive-se uma crise literária nas instituições escolares, devido às estratégias, muitas vezes, inadequadas utilizadas no ensino em sala de aula,

É possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tratá-los como expedientes para servir ao ensino das boas maneiras, dos hábitos de higiene, dos deveres do cidadão, dos tópicos gramaticais, das receitas desgastadas do “prazer do texto”, etc. Postos de forma descontextualizada, tais procedimentos pouco ou nada contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias (PCNs, 1997, p. 30).

Assim, por concepções de ensino e leitura ultrapassadas, pela falta de estímulo (desde os anos iniciais) da leitura pelo prazer, por falta de metodologias dinâmicas e inter-relacionadas, pelo não aproveitamento das leituras e conhecimentos prévios dos alunos, entre outros, o usufruto literário perde sua potencialidade inerente.

Sob o olhar de Martins (2006) é necessário que os alunos, na reversão desse quadro, tenham vivência literária sem pretexto para a análise gramatical, com o fim das leituras, exclusivamente, “direcionadas” e atividades repetitivas, reconhecendo a literatura em suas dimensões multi/inter/transdisciplinar, para construir/reconstruir interpretações, na interação com um mundo estético e simbólico.

Sobre a estética, Jauss (2002) afirma ser a base da recepção. Com o mesmo foco, mas de forma ainda mais vasta, Silva (2005) enfoca que os professores deveriam levar os discentes em direção à autonomia na busca de significações nas ‘redes’ do texto, fugindo das leituras idealizadas pelos mestres.

De modo que as experiências com o mundo literário devem caminhar tangenciadas pelo prazer, pelo encanto estético, pelo conhecimento das condições de produção/recepção, onde desvelam as “influências de ordem política, social, ideológica, histórica, entre outras” (MARRTINS, 2006, p.90). Com esse olhar, a linguagem literária passa a fazer parte do cotidiano dos aprendizes, como propulsor de sonhos, fonte de conhecimentos de vidas, expressão da alma e do corpo. Nas palavras de Cosson (2006) o corpo físico ganha mais uma dimensão (poder de transcender), o corpo literário.

Entretanto, a prática literária na escola é motivo de conflitos, pelo fato de que as instituições estão mais preocupadas com o saber científico, metódico, prático, das sociedades massificadas. Outros questionamentos interessantes sobre o ensino literário são o da especificidade de uma literatura infanto-juvenil, do uso comum da paraliteratura nas escolas, da adaptação com os recursos tecnológicos e da hipermídia, a relação entre cânnon/alteridade, cultura tradicional/popular.

Mediante esses debates, Martins (2006, p. 97) enfatiza a tarefa do professor ao integrar a literatura num ambiente global, informacional, no qual o texto literário possa funcionar como objeto imaginativo, inserido nas práticas culturais. Compreende-se assim, que o ensino literário precisa dialogar com as várias outras manifestações sociais e tecnológicas como forma de propiciar aos alunos um “enriquecimento da produção de sentidos” (MELLO; OLIVEIRA, 2007, p.8), sem perder de vista seu valor e seu poder criador.

CONCLUSÃO

Por essa razão, é fundamental a atuação do educador no processo literário escolar, com vistas a sua própria bagagem, na escolha dos textos, nas opções metodológicas, em que medida enfatizar os aspectos estéticos e sociais, como aprofundar a teoria ou fazer amadurecer a crítica literária dos alunos com base nas correntes de pensamento histórico-literárias (Idem, 2007). Segundo Silva (2005), o importante é que essas estratégias sejam pensadas com ênfase no discente, como forma, também, de enxergar o papel social da literatura, que ajuda a “ler o mundo” e transformá-lo.

As relações entre literatura e ensino são necessárias e eficazes na melhoria da qualidade de aprendizagem dos educandos, propiciando a estes, maior amadurecimento, expressividade, motivação, imaginação, criatividade, senso crítico.

Para isso, o professor é figura central, inserindo, na medida certa, textos e produções literárias no cotidiano dos alunos em sala de aula, tratando da linguagem literária de modo inter/multi/transdisciplinar, para garantir que sua apreciação seja abrangente e se insira nas práticas socioculturais dos discentes.

Até porque, a apropriação de múltiplas linguagens prepara o jovem para os desafios em sociedade. Ou, como afirma Wittgenstein “os limites de minha própria linguagem significam os limites do meu próprio mundo”.

REFERÊNCIAS

- AMARILHA, M. (org.). **Educação e leitura**: trajetória de sentidos. João pessoa: UFPB, 2003.
- BRAGA, Patrícia Colavitti. **O ensino de literatura na era dos extremos**. In: Revista Letra Magna. Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Lingüística e Literatura - Ano 03- n.05 -2º Semestre de 2006.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: língua portuguesa. Brasília: 1997. 144p.
- COSSON, R. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.
- AUSS, Hans Robert. “O prazer estético e as experiências fundamentais da poiesis, aisthesis e katharsis”. In: LIMA, Luís Costa (org.). **A literatura e o leitor**: textos de estética da recepção. 2 ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- MARTINS, I. A literatura no ensino médio: quais os desafios do professor? In: MENDONÇA, M.; BURZEN, C. **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- MELLO, Cláudio. OLIVEIRA, Silvana. **Metodologia do ensino, teoria da literatura e a formação do leitor competente**. In: 16 COLE Congresso de Leitura do Brasil, 2007, Campinas. Anais do 16 COLE. CAMPINAS : UNICAMP, 2007. v. 1. p. 1-9.
- SILVA, I. M. M. **Literatura em sala de aula**: da teoria literária à prática escolar. Recife: UFPE, 2005.
- VILELA, M. G. **Sobre o ensino da literatura**: os ensinamentos de Xerazade. Lisboa, Publicações Europa-América, s./d., 6 vols., tradução de Mª Eugénia de Castro de Sá da Bandeira. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4593.pdf>>. Acesso em: 28 fev. 2011.